



ENSINO DE GRAMÁTICA EM UMA ABORDAGEM FUNCIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA***TEACHING GRAMMAR IN A FUNCTIONAL APPROACH IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION***Maria José de Oliveira¹ - IFRN Gisonaldo Arcanjo de Sousa² - SEEC-RN Ivoneide Bezerra de Araújo Santos-Marques³ - IFRN **RESUMO**

Neste artigo, temos por objetivo discutir possibilidades de ressignificação do trabalho pedagógico com a gramática no Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica. A discussão se ancora teoricamente em uma concepção de educação baseada na linguística funcional que visa à formação crítica dos estudantes, considerando os usos sociais da língua. Apresentamos uma proposta de trabalho com a gramática na sala de aula e ilustramos com o item *agora* a partir de dados buscados no *Banco conversacional de Natal; cartas do século II (CE-DOHS)* e a obra *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*, compondo-se uma amostra de dados da fala e da escrita. Observamos as funções assumidas pelo advérbio nos gêneros carta e crônica. Concluímos que o item sob análise vem assumindo funções diversas. A partir disso, planejamos uma proposta de trabalho com a gramática na sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Formação linguística crítica; Ensino de gramática; Abordagem funcionalista do advérbio agora; Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

In this article, we aim to discuss possibilities for redefining pedagogical work with grammar in High School integrated with Professional and Technological Education. The discussion is theoretically anchored in a conception of education based on functional linguistics that aims at the critical formation of students, considering the social uses of language. We present a proposal for working with grammar in the classroom and illustrate it with the item *agora* based on data obtained from the *Banco Conversacional de Natal; Cartas do século II (CE-DOHS)* and the work *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*, composing a sample of data from speech and writing. We observe the functions assumed by the adverb in the genres letter and chronicle and conclude that the item under analysis has been assuming different functions. Based on this, we plan a proposal for working with grammar in the classroom.

KEYWORDS: Critical linguistic formation; Grammar teaching; Functionalist approach to the adverb *agora*; High School Integrated with Professional and Technological Education.

¹Doutora em Linguística pela UFPB. Mestra em Linguística Aplicada pela UFRN. Graduada em Letras pela UFRN. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- Campus Caicó EMAIL: maria.oliveira@ifrn.edu.br / [ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7316-22](https://orcid.org/0000-0002-7316-22).

² Doutor em Linguística pela UFRN. Mestre em Linguística Aplicada pela UFRN. Graduado em Letras pela UFRN. Docente de Língua Portuguesa da rede estadual do Rio Grande do Norte. EMAIL: gisonaldo.arcanjo@bol.com.br / [ORCID: https://orcid.org/0009-0006-3096-3192](https://orcid.org/0009-0006-3096-3192).

³ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte com Pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. E-mail: ivoneide.bezerra@ifrn.edu.br/[ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3667-0674](https://orcid.org/0000-0003-3667-0674).

O ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

De acordo com o Projeto político pedagógico do IFRN, o qual se fundamenta nos documentos oficiais que regem a educação Brasileira, a proposta de trabalho com a língua Portuguesa busca uma sintonia com as agendas de discussão dos estudos da linguagem, assim como as mudanças no mundo do trabalho (IFRN, 2013). Trabalhar a língua Portuguesa no âmbito do ensino profissionalizante envolve reflexão, busca, pesquisa e desenvolvimento crítico. Isso porque a concepção de educação assumida na educação profissional propõe uma formação humana integral, cujo saber se fundamenta pela visão omnilateral integrada à educação profissional (Moura, 2016). Partindo desses pressupostos, neste artigo, discutiremos sobre possibilidades de ressignificação do trabalho pedagógico no Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica e apresentamos uma proposta de trabalho com a gramática na sala de aula.

Problematizamos, neste trabalho, o fato de que a gramática dita tradicional vem categorizando alguns itens gramaticais sem contextualizá-los ou possibilitar análises críticas dos seus usos, assim como o item “agora” que vem sendo categorizado pela tradição, apenas como advérbio de tempo, porém, em situações interacionais, este vem assumindo funções cada vez mais gramaticais, as quais atestam a sua fluidez categórica e um consequente percurso de mudança. A título de ilustração, apresentamos uma descrição dos usos do item ‘*agora*’ sob uma abordagem correlacionada com a verificação de aspectos referentes à frequência de uso e funções sintático-semântico-discursivas, para uma consequente articulação entre o seu uso e como abordá-lo em sala de aula no Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), uma vez que isso já é uma preocupação dos docentes que trabalham a gramática, nessa modalidade educacional.

Para um melhor direcionamento da pesquisa e do objeto de estudo, convém esclarecer que a amostra de dados para a análise do item foi distribuída por períodos: séculos XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XX nas modalidades de escrita, tomando dados provindos de pesquisa do *corpus do português* (Davies; Ferreira, 2006) ou [CDP], do *corpus* eletrônico do português ou [CE- DOHS]; De notícias e não notícias faz-se a crônica (Andrade, 1974).

A pesquisa está ancorada, de modo basilar, nos pressupostos teóricos e metodológicos do funcionalismo linguístico, partindo dos estudos de Givón (1995, 2001), Hopper (1998), Heine e Kuteva (2007), Bybee (2010, 2016), Brinton e Traugott (2005), autores vinculados à Linguística Funcional Norte-Americana e à Linguística Funcional centrada no uso. A escolha dessa base teórica se deve ao fato de que o modelo de pesquisa atende às políticas linguísticas de trabalhar as formas/funções a partir de dados captados no momento interativo, correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos, podendo ser eficaz para desvendar ou reconstruir com mais efetividade a história do item.

Do ponto de vista organizacional, este trabalho está assim dividido: além desta seção de introdução, *agora* sob o olhar de gramáticas representativas da tradição ao funcionalismo, apresentamos as seguintes: Situando o item *agora* na perspectiva da linguística funcional; Da análise sintático-semântico-pragmática do item *agora* na perspectiva funcional; E agora? O que se pode levar para a sala de aula do ensino médio profissionalizante? e as considerações finais.

No tópico seguinte, discutimos o olhar dos gramáticos tradicionais sobre o item, para em seguida, observarmos os estudos funcionalistas sobre o advérbio em análise.

Agora sob o olhar de gramáticas representativas da tradição ao funcionalismo

Em uma amostra constituída por autores que representam o cânone da gramática conferimos que a maioria deles abrigam o *agora* na categoria dos advérbios de tempo, com poucas referências a seu *status* de item multifuncional, o que se constitui como uma limitação conceitual. Apenas Bechara (2010) e Cunha e Cintra (2007) fazem referência a sua natureza heterogênea. Melo (1978), embora tenha feito menção aos valores discursivos do item, o inclui entre as “palavras difíceis de classificar”. Nesse sentido, podemos dizer que os estudos gramaticais pouco evoluíram, uma vez que gramáticos como Cegalla (1997), Rocha Lima (1986), entre outros que representam a tradição não avançam, suficientemente, em relação ao tema, não se dando ao menos ao trabalho de esboçar uma nota de esclarecimento sobre a fluidez categorial do item.

Conforme Melo (1978, p. 105), *agora* encontra abrigo na categoria dos advérbios de tempo, com direito a uma nota de observação, na qual o autor o insere em “palavras difíceis de classificar” (terminologia do autor), como no exemplo “*Agora, acreditar não acredito!*”. A posição desse gramático é a de que o advérbio é a “palavra que circunstância ou intensifica a significação de um verbo, de um adjetivo, em certos casos, de um pronome ou de um nome” (Melo, 1978, p. 105).

Para Cunha e Cintra (2007), o *agora* se insere no rol dos advérbios de tempo, sem qualquer menção específica à possibilidade de polissemia do termo. O autor compreende o advérbio como um modificador de verbo, de adjetivo e de advérbio, não descartando a possibilidade de modificar toda a oração. É válido salientar que ele destaca em uma observação o reconhecimento da heterogeneidade presente nas classes dos advérbios, em exercício de funções diversas, no entanto, sem maiores especificações ou exemplificações comprobatórias dessa condição.

Rocha Lima (1986) elege também como nicho categorial para o item os advérbios de tempo, apesar de o apresentar nas “palavras denotativas”. Para o autor (1986, p.153), “advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal”.

Por sua vez, Bechara (2010, p. 274-277), em alguns pontos, numa visão mais reflexiva, situa o *agora* na relação dos circunstanciais adverbiais. O autor reconhece o advérbio como uma classe de natureza heterogênea, o que para ele torna difícil classificá-lo com uniformidade e coerência. Desse modo, propõe a divisão dos advérbios por circunstâncias, porém apresentando poucos exemplos sobre cada um. Em específico, para o item *agora* o inclui em nota de observação, situando-o entre os chamados denotadores de situação, acompanhado de itens como *mas, então, pois, afinal*. De forma indireta, o autor categoriza também o item como advérbio na seguinte nota explicativa “Em linguagem informal, pode-se expressar o valor superlativo do advérbio pela sua forma diminutiva, combinada com o valor lexical das unidades que com ele concorrem” (Bechara, 2010, p. 282), uma vez que exemplifica com a ocorrência “*Saiu agorinha*”. O gramático considera advérbio “uma expressão modificadora do verbo que por si só, denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial” (p. 274). Ainda acrescenta que a classe pode ser constituída por palavras de natureza nominal ou pronominal e se refere a verbo, adjetivo ou advérbio, como também a uma “declaração inteira”.

Conforme atestam as definições de advérbio, defendidas pelos gramáticos tradicionais, anteriormente referidos, predomina a visão de advérbio como uma classe invariável que é responsável por modificar o verbo, um adjetivo ou o próprio advérbio. Assim sendo, a noção corrente do advérbio que se vem defendendo na tradição parece pouco elucidativa, tendo em vista que não se comenta sobre sua multifuncionalidade.

Ante às limitações conceituais e de tratamento insustentável devotado à classe do advérbio, visto como modificador, *lôcus* preferido do *agora* pelos meios tradicionais, trabalhos se destacam numa linha de contemporaneidade, como os de Perini (2006, 2010) e Castilho *et al* (2014), no sentido de que suscitam a reflexão e revisão de pontos da sua caracterização.

Perini (2006), por exemplo, reconhecendo como limitados os estudos sobre a classe, considera como inviável a definição tradicional do advérbio como modificador de outras classes ou de si mesmo. No seu posicionamento, apesar de muitas análises modernas retomarem essa noção, ele a considera “obscura” porque esse *status* não se aplica apenas aos advérbios, comentário que ilustra com os exemplos “*corremos depressa*” e “*comi uma peixada*, pois, para ele, a condição de modificador de um verbo tanto se aplica a *depressa* como a *uma peixada*. Desse modo, a noção de modificar verbo ou adjetivo (critério sintático) não pode ser considerada critério definidor do advérbio, tendo em vista que é insuficiente para sustentar a diferenciação das demais categorias de palavras. Por isso, a saída dada pelo autor em menção é a possibilidade de definir os termos com base no critério da função, confira: “A definição de ‘advérbio’, se for possível (o que duvido) deverá ser formulada em termos de funções” (Perini, 2006, p. 342).

Perini (2010) adota uma postura de argumentação bem mais clara, quando diz que os adverbiais (*é assim que ele chama os advérbios*) têm papel temático e apresentam propriedades importantes, tais como a posição e o escopo. Na visão de Perini (2010, p. 318), “o posicionamento de um adverbial depende de ser ele complemento ou adjunto; de estar vinculado sintaticamente a um verbo ou a um nome; e também do seu escopo [...]”, como os exemplos por ele citados: a) Somente a professora passou a palavra ao visitante; b) A professora somente passou a palavra ao visitante; c) A professora passou somente a palavra ao visitante; d) A professora passou a palavra somente ao visitante. Nesses exemplos, o autor mostra que as quatro frases apresentam sentidos diferentes em decorrência do escopo, que se aplica nesses casos apenas ao constituinte que vem imediatamente a seguir. Porém, ele postula que nem sempre o escopo contribui para a mudança de sentido, como é o caso do item *agora* que em algumas situações apresenta escopo fixo e conseqüentemente seu deslocamento na sentença/oração não afeta seu sentido, como nos exemplos seguintes por ele apresentados: a) *Agora* a professora passou a palavra ao visitante; b) A professora *agora* passou a palavra ao visitante; c) A professora passou *agora* a palavra ao visitante; d) A professora passou a palavra *agora* ao visitante.

Da análise dessas propostas conceituais, é fato que não há homogeneidade na categoria advérbio. As palavras que se enquadram nesse grupo se caracterizam por traços os mais diversos. Ora, se o conceito de advérbio está atrelado à noção de palavras invariáveis modificadoras de um verbo, adjetivo ou outro advérbio, esse conceito apresenta alguns problemas. Primeiro, a noção de modificador não é um traço pertinente para delimitar fronteiras intercategoriais, porquanto ocasiona confusões entre a classe dos adjetivos e a dos advérbios (o caso dos terminados em -mente); entre advérbios e operadores argumentativos e discursivos (o caso do item *agora*, objeto deste estudo). Nesse sentido, Castilho *et al* defendem que:

Não se deve esperar que um mesmo item lexical tenha em todos os seus usos a mesma função; em outras palavras, ‘o mesmo advérbio’ pode desempenhar várias funções diferentes, ou seja, pode reaparecer em mais subclasses; além disso, uma única ocorrência de advérbio pode desencadear várias interpretações simultâneas (2014, p. 273).

Ainda remetendo a Castilho *et al.* (2014, p. 269 *apud* Ilari *et al* 2002), o caminho para resolver essa heterogeneidade tão acentuada parece que consiste em identificar de maneira intuitiva, “duas dimensões para a classificação das expressões, tradicionalmente, reconhecidas como advérbios: a primeira dimensão é a dos segmentos sintáticos a que o advérbio se aplica [...] e a segunda dimensão é a das ‘funções’ que os chamados desempenham”. Por isso, é subjacente que o estudo dos advérbios, em específico o item *agora*, precisa ser tratado por meio de uma abordagem reflexiva que contemple múltiplos fatores relacionados a suas várias perspectivas de uso. A seguir, apresentam-se dados de uma pesquisa que o contempla em diversas sincronias, em um recorte das crônicas do *corpus do português* (Davies; Ferreira, 2006) ou [CDP], do *corpus eletrônico do português* ou [CE- DOHS e da obra “De notícias e não notícias faz-se a crônica” (Andrade, 1974)

Situando o item *agora* na perspectiva da linguística funcional

Baseando-nos em pressupostos da Linguística Funcional, contexto em que a língua é concebida como estrutura maleável, sujeita às situações linguísticas e extralinguísticas, as quais perpassam o discurso, reflete-se sobre a funcionalidade do *agora* advérbio de tempo, enquanto produto de uso de uma gramática em situação emergente. Optamos por essa abordagem teórica, porque, na perspectiva funcional, a gramática é considerada “um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (Ford; Fox; Thompson, 2003, p. 122).

Essa concepção relaciona a estrutura flexível da gramática a um formato advindo das situações vivenciadas pelos seres humanos, através de suas experiências cognitivas, no processo interativo da língua. Dessa forma, é sensível às pressões do uso e, por isso, passa por constantes modificações. Nessa concepção, o estudo é de base semântico-pragmática, de modo que, numa abordagem funcionalista, devemos acionar os esquemas conceituais com base em componentes cognitivos, os quais se fixam na língua pela ação de recorrência dos usuários.

De acordo com Hopper (1998), a gramática de uma língua não consiste em um sistema definido, mas antes de uma coleção aberta e sem fim, de forma que está constantemente se reestruturando e adquirindo outras acepções semânticas e outras estruturas sintáticas durante o uso.

Desse modo, constrói-se, a concepção funcional de gramática como um sistema de regularidades aberto a mudanças providas da ação e interação dos homens, sujeito às pressões linguísticas e extralinguísticas do ato comunicativo. Para se fixar na língua, esse sistema dependerá da frequência do uso. Por isso, nesta pesquisa, foi eleita como um dos pontos de análise a frequência de uso.

Ressaltemos a esse respeito que como os atos de comunicação emergem no tempo, a gramática em situação emergente existe no tempo. Suas formas são matérias usadas antes e novamente em cada ocasião de uso em diferentes contextos e com sentidos diferentes. Essas formas “estão sujeitas aos caprichos da memória, do cansaço ou à ausência do reforço dos interlocutores. As regularidades emergentes são agregações, são sedimentos de frequência” (Hopper, 1998, p. 161).

Para corroborar o que se vem apontando como formato da gramática, recorremos a Givón (2001), para quem o papel da gramática no processamento da informação humana é de representação e comunicação do conhecimento. A comunicação acontece através dos dois subsistemas que envolvem os níveis de representação: *cognitivo e comunicativo*.

Nessa perspectiva, a questão da formatação do significado é concretizada através da

combinação de conceitos (*palavras*) em informação proposicional, as quais combinadas e conectadas dão origem ao discurso. Por isso, é imprescindível, para o conhecimento da língua, a análise dos aspectos cognitivos e socioculturais que se manifestam na interação verbal, envolvendo aquisição, evolução, deslizamentos, variações e mudanças, fatores que, por ação recorrente do uso humano, contribuem para criar as regularidades da língua e atestar a não-autonomia da gramática, numa preparação para se instaurar o processo da gramaticalização ou de rotinização de alguns usos, como acontece com o advérbio *agora* que vem assumindo outros papéis, além de advérbio de tempo, conforme mostra a análise funcional no tópico a seguir.

Da análise sintático-semântico-pragmática do item *agora* na perspectiva funcional

Considerando que a frequência de uso é relevante para indicar caminhos em uma análise funcionalista, analisamos os dados, quantificamos e os distribuímos, conforme suas funções contextuais, na tentativa de esboçar uma radiografia semântico-sintático-pragmática do item sob análise nos períodos que compreendem os séculos XIV a meados do século XVI; meados do século XVI ao século XVII; século XVIII ao século XX. Neste capítulo, o item será analisado em relação a suas funções diversas em três períodos distintos (Século XIV - a primeira metade do século XVI, doravante período XIV-XVI; segunda metade do século XVI ao século XVII, doravante, período XVI-XVII; século XVIII ao século XX, doravante, período XVIII-XX).

A princípio, voltamos o olhar para o item em relação às funções semântico-pragmáticas. O rastreamento dos dados permite enxergar o elemento sob análise, no exercício das seguintes funções, abaixo categorizadas, no quadro

Quadro 1 - Funções e subfunções do item *agora*

FUNÇÕES DO <i>AGORA</i>	SUBFUNÇÕES
Dêitico temporal	<ul style="list-style-type: none"> • com valor de presente; • com valor de presente/passado; • com valor de presente/futuro.
Conector/juntor	<ul style="list-style-type: none"> • de oposição/contraste; • de causalidade/conclusão; • de adição.
Marcador discursivo	<ul style="list-style-type: none"> • de mudança de foco/assunto/turno; • de abertura de turno/tópico.

Fonte: elaboração própria.

Para facilitar a compreensão da análise, expomos os percentuais de uso por sincronias, obedecendo à distribuição das funções, conforme representa a tabela 1:

Tabela 1 - Funções do *agora* em uma visão panorâmica

	Períodos	Período XIV-XVI	Período XVI-XVII	Período XVIII-XX	TOTAL
Funções					

Dêitico temporal				
1.1 Presente	81/61,8%	65/52,4%	69/46%	215/53,1%
1.2 Passado	26/19,8%	15/12,1%	11/7,3%	52/12,8%
1.3 Futuro	09/6,9%	08/6,5%	08/5,3%	25/6,2%
<i>Subtotal %</i>	116/88,5%	88/71,1%	88/58,6%	292/72,1%
Conector/juntor				
2.1 Oposição/contraste	06/4,6%	07/5,6%	13/8,7%	26/6,4%
2.2 causalidades	06/4,6%	13/10,5%	27/18%	46/11,4%
2.3 aditivos	-	10/8,1%	09/6%	19/4,7%
<i>Subtotal %</i>	12/9,2%	30/24,2%	49/32,7%	91/22,5%
Marcador discursivo				
3.1 mudança de assunto/turno	03/2, 3%	04/3,2%	09/6%	16/4%
3.2 aberturas/retomadas de tópico/turno	-	02/1,6%	04/2,7%	06/1,4%
<i>Subtotal %</i>	03/ 2,3%	06/4,8%	13/8,7%	22/5,4%
TOTAL%	131/100%	124/100%	150/100%	405/100%

Fonte: elaboração própria.

Conforme se verifica, em dados de escrita, na condição de dêitico temporal, o *agora* detém o poder majoritário de uso com 72,1% das ocorrências, contra 22,5% na função juntor e 5,4% na de marcador, fato que comprova a hipótese deste estudo de que o *agora* segue um trajeto de evolução já defendido por outros estudos como de Heine *et al.* (1991), Hopper e Traugott (2003) e Martelotta (1996), ao tratarem da gramaticalização de itens e construções, confirmando, pois, o pressuposto de que a sintaxe emerge do discurso.

Os dados (1), (2), (3), apresentados a seguir, ilustram as funções gerais de dêitico temporal, juntor e marcador, comentadas anteriormente:

(1) [...] ele dizendo que o encomendaria a Deus, e, detendo-se um pouco sem se mover do lugar, o levantou do chão, em parte onde se tinha buscado com muita diligência. Além destas graças particulares, tinha outra maior e mais universal, e era, sem ter estudo, entender com suficiência qualquer livro latino; e nas mais ciências, particularmente em matérias espirituais, dava tão acertados pareceres que pareciam de homem de muitas letras. A todos estes dons ajuntou o da pureza virginal, que guardou inviolável até à morte, e com a qual mereceu assistir agora diante do trono de Deus, seguindo ao cordeiro sagrado para onde quer que vai. A estes três foi o Senhor servido dar na outra o prêmio das obras que nesta vida fizeram. Os mais todos se ocuparam nos ministérios da nossa Companhia, segundo a vocação e talentos de cada um, e, pela divina bondade, com proveito seu e dos próximos. As quarenta horas do primeiro destes dois anos se celebraram com o costumado aparato e concurso grande de confissões e comunhões. As do segundo, conforme [...] (Cartas de Padre Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

(2) [...] neste aperto, como se foram portugueses antigos, com extraordinário brio acharam que lhes era mais sofrível perder a vida que pôr em risco a honra. Com esta determinação investiram à porfia ao inimigo, e com uma força tão impetuosa que a não puderam sofrer os holandeses, nem se atreveram a sustentar o campo, e logo viraram as costas; para que se entenda e veja bem que o tomarem uma vez a cidade foi mais fraqueza nossa, causada de pecados, que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, agora, tantas vezes os faziam fugir pelejando. Considerando, pois, os inimigos o ruim sucesso que por esta via tinham, mudaram as saídas, mas nem por isso mudaram a ventura. Levaram uma nau com um patacho e lanchas ao Camamu, e aí, no engenho do Colégio, tomaram algum gado; mas não tomaram muitos mercadores, porque, saindo três ou quatro índios a um batel seu, por sete bois que levavam mataram sete holandeses. Também entraram de paz na vila de Cairu, para [...] (Cartas de Pe. Antônio Vieira, Século XVII, CDP).

(3) [...]mas o que não se pode negar é que o juiz que lavrou uma condenação desta ordem, deu uma prova incontestável de inteireza e de retidão. Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a ditou foi da mais vigorosa equidade. Agora, meu amável leitor, até 1º de abril. Entendeis? XXV Rio, 1º de abril Descobriu-se afinal! A questão das custas é uma querelle d'allemand! O regimento foi o pretexto, e a causa verdadeira não se pode conhecer. Quem sabe! Talvez os que censuram o regimento sejam empregados da Secretaria da Justiça, ou eminentes jurisconsultos incumbidos da fatura de códigos civis! Os defensores, estes, são homens independentes, que nunca solicitaram coisa alguma do Ministério da Justiça, que podem ter aceito uma [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, Século XIX, CDP).

O excerto (1) ilustra o uso do item em análise na função de circunstanciador temporal, revelando-se os traços prototípicos (+referência temporal), (+mobilidade), (+circunstanciador), embora voltado para uma extensão do passado, reconhecido pela expressão verbal [*mereceu assistir*]. Nesse caso, parece que o item já começa a se licenciar de sua acepção de presente para tocar o passado. No excerto (2), registramos um caso de junção, cujos traços prototípicos (+fixidez), (+conexão) se sobrepõem a traços de referência temporal. No enunciado, o item se movimenta para conectar duas informações que contrastam [*sem pelejar X fugir pelejando*], pondo em evidência seu valor opositivo. Já no excerto (3), o item se envolve em um enunciado que se volta para o momento interativo do texto, quando o cronista entra em contato com o leitor, configurando-se um valor de elemento pragmático e interativo, semelhante ao que Risso (1993) chama de *marcador discursivo de abertura de tópico*. Nessa última acepção, o item perde traços da referência temporal para ganhar os traços de (+discursivo).

Segue-se descrição de cada função semântico-pragmática, atendendo às subfunções de cada categoria de análise, considerando-se nesse trabalho apenas o detalhamento da função de dêitico temporal, como amostra para averiguarmos o quanto o item passa por mudanças.

Agora dêitico temporal

Agora dêitico temporal caracteriza-se pelo uso do item como um circunstanciador de tempo com o significado de *neste momento, atualmente, até o momento, por um momento, deste momento*, entre outros. A exemplo de Rodrigues (2009), analisamos as funções do item, considerando os traços (+prototípicos) e (-prototípicos) de cada função. Para a referência temporal, nuance de sua forma canônica, volta-se o olhar para os traços prototipicamente presentes no advérbio, quais sejam: (+referência temporal), (+circunstanciador) e (+mobilidade).

Ademais, conforme Neves (2011, p. 266), para esse tipo de advérbio, a definição mais perceptível é aquela cujo tempo em questão é considerado não cronológico, sem ligação com o calendário. Para a autora, esse pode significar *neste momento, na época atual, neste momento/período*, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este; *no momento/período imediatamente anterior a este, nos últimos tempos*, posição também conferida pelos dados desta pesquisa.

Risso (2006, p. 433), por sua vez, observa que o *agora* nessa posição “veicula aí, juntamente com o tempo presente do verbo, uma relação de proximidade temporal do fato evocado com a fala da locutora”, ilustrado pelo exemplo “agora ele está com seis anos”, para o qual ela explica que “o período mais ou menos extenso em que vigora a idade de seis anos do menino é tomado numa relação de ‘atualidade’ com o momento da enunciação, ainda que a extensão de um e outro não coincidam plenamente”.

Schiffrin (1987, p. 228) avalia as propriedades dêiticas do *agora* temporal agregado aos seguintes valores: a) veiculado a um tempo de referência; b) refere-se a uma expressão de “proximidade/distanciamento (proximal/distal axis)”, em relação ao “eu” do locutor.

Observemos os exemplos do CDP:

(4) [...] boa estação, as folhas de uma árvore que diziam carunchosas, as folhas da Constituição, reverdecem. Hércules reveste-se da túnica de Nesso, e dispõe-se a recomençar os sete grandes trabalhos. A nossa marinha se enriquece consideravelmente com uma nau de pedra, invento que não possuem os países mais civilizados da Europa. Finalmente, o exército teve uma promoção! Não há, pois, que duvidar. A época é toda de esperanças; e, se por aí se vêem esvoaçar urubus, não é porque o ministro esteja doente. Qual! é porque estamos tratando agora da limpeza das praias. Há também uns sujeitinhos que espalham que o ministério já não regula. Que contra-senso! O ministério dos regulamentos! Bem se vê que são coisas a que não se deve dar o menor crédito. Assim, pois, creio que se pode responder negativamente à pergunta que fazem todos os políticos. Não teremos oposição. Tratar-se-á de uma outra questão jurídica e administrativa; far-se-ão algumas interpelações, e nada mais. Quatro meses depressa se passam; e os ministros, que gostam tanto do [...] (Ao correr da pena, José de Alencar, Século XIX, CDP).

(5) [...] porta do theor d esta prymeyra, se não que em tudo mays pequena; e passando esta segumda porta estaa hûu terreyro grande todo derredor das varamdas sobre seus piores de pedra, e no meyo d este terreyro esta a casa do paguode. Defronte da primeyra porta estão coatro columnas, as duas douradas, e as outras duas de cobre; e pella muyta antiguydade me parece que são desdouradas, e as outras duas de cobre, por que todas são de cobre, a que estaa mays achegada a porta do pagode he d este rey Crisnaraio, qui agora reyna, por que as outras são dos antepassados; toda a frontarya da porta do paguode atee o telhado he tudo forrado de cobre dourado, e de cada banda do telhado em cima tem hûuas alymaryas que parecem tîges, todas douradas; tanto que entrão dentro nesta casa temdes de pillar a pylar sobre que ella estaa fundada muytas covas pequenas em que estão camdieyros d azeite que ardem, segumdo me diserão, cada noyte, e sera a copia de dous mill e quynhentos, ou tres mill camdieyros; [...] (Chronica dos reis de Bisnaga, Século XVI, CDP).

A propósito das ocorrências registradas em (4) e (5), verifique-se que em (4) ocorre um caso de *agora* com valor de presente em que o locutor está próximo, tendo em vista a aspectualidade da locução verbal [*estamos tratando*], a qual fornece pistas de que há uma proximidade entre o evento e seu locutor. Essas propriedades se unem às propriedades do dêitico temporal, sobretudo presentes nos traços de (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador) para categorizá-lo prototipicamente como advérbio de tempo. Por seu turno, a ocorrência (5) também representa uma acepção de advérbio com valor de presente próximo ao locutor, portador dos traços (+referência temporal presente), (+mobilidade) e (+circunstanciador), embora esse venha formatado pelo relativo *que*, estrutura que se diferencia da prototípica.

Vale ressaltar ainda que na acepção de tempo, o advérbio *agora* ativa noções buscadas na *dêixis* e na foricidade. Manifesta-se através da *dêixis* quando assume funções que se aproximam do momento presente ou a ele se referem de alguma forma, configurando-se a realização desse momento. A esse respeito, Duque (2009) se pronunciou, verificando quatro possibilidades que se abrem em relação à escala de proximidade do momento da enunciação: a) instanciando o momento específico da fala; b) instanciando o momento geral; c) instanciando o momento anterior; d) instanciando um momento posterior.

Em se tratando da manifestação da foricidade como subfunção do advérbio, essa se dá quando acontecem remissões demonstrativas temporais assinaladas por meio de anáforas e catáforas numa realização de movimentos de prospecção e retrospecção. Os exemplos (6) e (7) ilustram as funções comentadas anteriormente:

(6) A melhor saúde desejo-lhe assim como a Mercedes e caros filhinhos . Hoje ao meio-dia apareceu aqui Clemente e pediu-me se eu podia lhe remeter esses objetos , que lhe enviava como uma lembrança ; pois lhe dedica muita amizade e que você desde estudante sempre o procurou e lhe trata com muita

atenção ; isto é uma lembrança do V que foi do Visconde de Paraguassú . Ele não ia lhe procurar a falta de [pag]tempo , porque devia voltar hoje . Sinhá continua no mesmo ; resolveu agora arrendar a casa . Amanhã às 8 horas tem Missa na Piedade , por alma de tia Marianna , que mando celebrar . Abraços em Mercedes e beijos nas crianças. (Carta 02-AFCD-15-09-1927, [CE-DOHS]).

(7) Como ciente que o filho do tenente João Pereira lhe entregou , em 7 de dezembro , a importância de 100\$, que você mandou também ao alfaiate , cuja conta ficou assim em (um conto e vinte mil reis) 1 : 020\$000 . Essa prestação seria , aliás , de novembro , mas dada em dezembro . não faz mal . Se ele voltar agora em janeiro , com outra prestação de 100\$, você entrega 20\$000 , da parte , a Arnobio , e destina o resto ao alfaiate . desculpe esses trabalhos , mas não há remédio . O Saback não deu mais de si ? E o Aguiar como foi , [pag] resolvido o caso ? Será que ainda não teve solução ? Você não mandou dizer nada. (Carta 08-ALCF-20-01-1934, [CE-DOHS]).

Atentemos para o fato de que o excerto (6) representa uma ocorrência do item em análise no exercício da função temporal, pois se observamos os traços (+referência temporal), (+mobilidade) e (+circunstanciador) atuando no enunciado, entretanto, o traço (+referência de presente/passado) surge a partir do presente em forma de uma ligeira extensão que aponta para trás em um movimento anafórico, confirmado pela forma verbal flexionada no pretérito. Em (7), o enunciado também revela o uso do item na função de advérbio de tempo, provedor dos traços (+referência temporal), (+mobilidade), porém, nesse contexto, atua o traço (+referência de presente/futuro), o qual se manifesta mediante uma referência que parte do presente em forma de nuance extensiva de futuro, percebido pela expressão [*se ele voltar agora*], a qual aponta para uma referência temporal em um movimento catafórico, conforme o recorte.

E agora? O que se pode levar para a sala de aula na educação profissionalizante?

De acordo com Moura (2016), a Educação Profissional baseia-se na concepção de formação humana omnilateral, visando à formação integral do educando para exercer a sua cidadania na coletividade e agir na sociedade de modo crítico e participativo. Essa concepção educativa leva em consideração as dimensões físicas, mentais, culturais, políticas, científicas e tecnológicas do ser humano. Nesse sentido, prevê a formação de cidadãos ativos, emancipados, participativos e capazes de transformar a sociedade, considerando interesses tantos seus interesses individuais, quanto os sociais e coletivos.

O Projeto Político Pedagógico do IFRN apresenta uma proposta pedagógica para o ensino de Língua Portuguesa fundamentado, basicamente, nos seguintes pilares: formação integral do aluno; concepção interacionista da língua/linguagem, baseada no dialogismo, conforme concebido pelo Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016; Volochinov, 2019). Essa visão de linguagem se coaduna com a proposta de abordagem de aspectos teóricos e procedimentos metodológicos das práticas leitura, escrita, oralidade e análise linguística expressa nos documentos oficiais norteadores do ensino da língua materna na escola, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Brasil, 2013), o que, por sua vez, está em sintonia com os pressupostos da teoria funcionalista, a qual concebe a língua como estrutura maleável, sujeita a mudanças decorrentes do seu uso.

A gramática, por sua vez, sofre as pressões desse uso, sofrendo mudanças, cujas consequências levam a sua reconstrução todos os dias. Com efeito, essas mudanças devem ser levadas para a reflexão com os alunos, que precisam, no processo de formação crítica, refletir sobre os usos sociais da língua se queremos formar cidadãos críticos e cientes do que é adequado ou inadequado usar na língua, nas mais variadas situações de comunicação.

Por isso, propusemo-nos a refletir sobre como se trabalhar a gramática no ensino profissional. De início, é interessante destacar algumas estratégias de atividades que são comuns em um estudo de base funcionalista que se tornaria adequada também para o ensino profissional, dado o fato de que ambos defendem uma proposta pedagógica baseada na concepção interacionista da língua, da linguagem e da gramática.

Nesse sentido, seguem-se algumas sugestões, uma vez que se verifica que o item sob análise vem experimentando algumas outras funções diferentes da função prototípica de advérbio de tempo. Desse modo, convém se pensar em formas alternativas de se trabalhar o item em sala de aula.

Orientados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2013) e na teoria funcionalista da língua, entendemos que o primeiro passo a ser adotado para orientar uma aplicação metodológica advinda da teoria aqui em foco será orientar o processo de aprendizagem de um item ou construção a partir de textos de diversos gêneros discursivos e modalidades. Por um lado, deve-se sugerir ao aluno atividades de escuta de textos orais e leitura de textos escritos, objetivando a ampliação progressiva de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais que se envolvem na produção do sentido. Por outro lado, promover a construção e reconstrução de textos variados, adequando-os às múltiplas situações contextuais requeridas pelas demandas sociais. A esse respeito, é importante observar o que diz Antunes:

A proposta [...] é que o texto seja analisado: no seu gênero, na sua função, nas suas estratégias de composição, na sua distribuição de informações, no seu grau de informatividade, nas suas remissões intertextuais, nos seus recursos de coesão, no estabelecimento de sua coerência e, por causa disso tudo, só por causa disso tudo, repito, os itens da gramática comparecem (2007, p. 138).

Nesse contexto, o trabalho com a produção de sentido é uma das estratégias relevantes para um trabalho mais produtivo, envolvendo os conectores. Vale ressaltar que estudos como os de Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 34) já se destacaram nessa linha, uma vez que analisam a língua na perspectiva funcionalista, crendo que um dos papéis do professor de língua materna é o de atuar como orientador do processo de construção e reconstrução do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, nas situações reais de uso.

Em uma situação mais específica de tratamento dos conectores, os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) chamam a atenção para que se invista numa maior diversidade de conectores em gêneros diversos, sugerindo algumas atividades que devem ser estimuladas pela escola, que inclui as atividades já relatadas anteriormente. Outra atividade que vem se defendendo também é sugestão para se gravar a fala de membros da própria comunidade (incluindo os alunos), levando-se em consideração os diferentes gêneros que surgem no dia a dia.

Parece relevante ainda que os alunos devem trabalhar semelhanças e diferenças no emprego do item em análise em sequências e gêneros variados e na articulação de mais de um nível de articulação textual. As evidências de preferência pelo uso do item com uma ou outra função, em uma dada situação da comunidade linguística, poderão fornecer pistas para que o aluno perceba qual é a função mais adequada a cada contexto, refletindo sobre as suas condições de uso e produção.

A esse respeito, acredita-se que ao obter o domínio de um leque maior de possibilidades de sequenciar partes do texto e suas especificidades de uso, os alunos estarão mais bem munidos para evitar a repetição constante de um só item (Tavares, 2007).

Não se pode esquecer também da proposta de Antunes (2007, p.133), que, por sua vez, traz uma contribuição para um estudo mais eficaz dos conectores, chamando a atenção para se focalizar esses itens relacionais que marcam o encadeamento entre partes do texto, mediante o reconhecimento das relações e de suas funções (lógica, argumentativa, discursiva), considerando a atividade “um saber da mais alta relevância para administrar as possibilidades de organização do texto”.

Dessa forma, para que esses aspectos produzam efeitos na prática pedagógica, acredita-se que estratégias devem ser moldadas com base na visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2001, p. 49), os quais definem como objetivo de ensino das línguas desenvolver no aluno os domínios da expressão oral e escrita em situações funcionais.

No caso do “agora”, sendo válido também para outros conectores, deve-se promover a reflexão sobre a origem e multifuncionalidade do item em sincronias diferentes. Posteriormente, mapear cada função ou subfunção assumida, em contextos orais e escritos e promover atividades de percepção do uso do item em menção em situações que o identifiquem como funcionalmente múltiplo. Nessa situação, podemos propor exercícios de localização do item em textos diversos; separá-los conforme as funções assumidas no texto; apontar tendências mais recorrentes e refletir sobre os seus efeitos de sentido. É interessante que o aluno perceba como as formas/funções funcionam quando postas em uso.

Ainda é válido ressaltar que para uma aprendizagem mais eficaz do fenômeno em estudo é possível a proposição de atividades pedagógicas e exercícios que envolvam a substituição de um item por outro de sentido semelhante, no mesmo contexto, como forma de explorar a riqueza de meios que conduzem à produção de sentido.

É possível, nesse âmbito, observarmos o uso do item em diferentes funções, inclusive em exercícios de conexão de partes maiores do texto (orações, parágrafos) e remontagem de histórias. Também, nessa perspectiva, cogitamos sobre a proposta de entrevistas com os próprios colegas para organizar *corpora* que possibilitem ao aluno um trabalho de interface entre as tendências de uso da forma nas modalidades de língua oral x escrita, no propósito de se averiguar o comportamento funcional do item em comunidades diversas.

Considerando esse contexto, o papel do professor parece ser o de mediador de situações-problemas, trabalhos de pesquisa, através dos quais o aluno possa fazer deduções, hipotetizar, interpretar recursos cognitivos e projeções conceituais evocadas pelas situações enunciativas, e, sobretudo, conscientizar-se das relações entre forma – função/forma, uma vez considerado que a gramática está em constante reconstrução - gramática emergente (Hopper, 1998).

Evidentemente, o domínio desses pontos exige professores com uma formação linguística mais vasta, ou seja, um professor ciente de uma concepção de gramática interativa e que tenha segurança sobre o funcionamento do léxico, da gramática e das práticas cognitivo-textuais com que se efetiva o jogo complexo de nossa atividade comunicativa.

Desse entrelaçamento entre forma e função e vice-versa, o aluno deve se conscientizar de que o estudo das formas em foco não pode se reduzir ao trabalho estanque de categorizar classes morfológicas ou categorias sintáticas desvinculadas da intenção comunicativa. Torna-se relevante introduzir a teoria dos protótipos como forma de categorizar as construções, a partir da relação de aproximação ou distância do protótipo-base, uma vez considerado que a recorrência do uso pode produzir regularidades e apontar as tendências das mencionadas construções para assumir algumas categorizações, ao invés de imprimir rótulos preexistentes, fragmentados.

Todas essas atividades e atitudes são sugestões que se pressupõem relevantes para uma compreensão mais sistemática da dinâmica da língua que falamos. Poderão ser adaptáveis para o estudo de outros itens gramaticais e, acreditamos, ser uma possibilidade para se trabalhar nas

escolas profissionais, uma vez que essas se erguem em pilares que exigem desenvolvimento crítico numa base que contempla a língua em uma concepção interacionista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos por objetivo discutir possibilidades de ressignificação do trabalho pedagógico com a gramática no Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica. Apresentamos sugestões de trabalho em sala de aula com a língua, ilustrando com dados de pesquisa sobre o uso do item *agora*, em uma abordagem funcionalista. Na análise dos dados, a frequência de uso foi um dos aspectos considerados como relevantes. Em se tratando desse aspecto, nos períodos compreendidos entre os séculos XIV-XVI; XVI-XVII; XVIII-XX, a pesquisa apontou as seguintes tendências:

No que diz respeito ao período que compreende os séculos XIV-XVI, o item assumiu com supremacia a função de dêitico-temporal, no entanto já apresenta usos discursivos; no período XVI-XVII este registrou um aumento gradual das funções mais textuais, se comparado com o período anterior; nos períodos XVIII-XX, em relação ao período anterior também se observou um aumento considerável de uso das funções textuais.

Os resultados da pesquisa apontam que o item *agora* vem passando por mudanças desde as épocas remanescentes, em um processo gradativo que opera dêiticos temporais, hoje, circunstanciadores, jutores/conectores e até marcadores discursivos, em um ato contínuo que envolve perda de traços semânticos ou atenuação de sentido, sem, contudo, perder o posto de circunstanciador ou advérbio de tempo, comportamentos que implicam na sua multifuncionalidade.

A pesquisa sugere que, no Ensino Médio integrado à Educação Profissional e Tecnológica, para tornar o ensino mais produtivo e a aprendizagem mais significativa para os educandos, devemos trabalhar a gramática em uma perspectiva funcionalista, considerando os usos sociais da língua, o que favorece uma abordagem crítica e contribui com a formação cidadã dos estudantes, os quais ganham mais autonomia e ampliam seu potencial de emancipação (Freire, 1996).

Para ressignificar o ensino de gramática na sala de aula, a pesquisa aponta ser importante considerar os advérbios, conectores e outras classes gramaticais em sala de aula, sempre partindo de textos de diversos gêneros, em uma perspectiva de produção de sentido, envolvendo o discente em pesquisas que contemplem o uso da língua em situações interacionistas também diversas e nas modalidades oral e escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De notícias e não-notícias faz-se a crônica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Língua Portuguesa- 5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2013.

BYBEE, Juan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Juan. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria angélica Furtado da Cunha. Revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de *et al.* O advérbio. In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Volume III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, pp.266-273.

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. 40 ed. São Paulo: Nacional, 1997.

CORPUS CE-DOHS. *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (FAPESB 5566/2010 - Consepe UEFS 202/2010). Coordenado por Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS). [Projeto Vozes do Sertão em Dados: história, povos e formação do português Brasileiro (CNPq. 401433/2009-9 - Consepe UEFS 102/2009). (CNPq. Processo 401433/2009-9/Consepe: 102/2009) Disponível em: www.uefs.br/cedohs. Data do último acesso. 29/12/2016.

CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1986.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael Ferreira. *Corpus do português*. 2006. Disponível em: www.corpusdoportugues.org. Data do último acesso: 29/12/2016.

DUQUE, Paulo Henrique. *O elemento agora sob o enfoque da gramaticalização*. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 2002.

FORD, Cecília; FOX, Barbara; THOMPSON, Sandra. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed). *The new psychological of language*. v. 2, Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, pp.119-143.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 19. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. *Linguística Funcional e Ensino de gramática*. In: _____. [Orgs]. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia: 1995.

GIVÓN, Talmy. *Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, v.1.

HEINE, Bernard; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernard; KUTEVA, Tania. **The Genesis of Grammar**. A reconstruction. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. In: TOMASELLO, Michael. (Ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. pp.155 -175.

HOPPER, Paul. On some principles on grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Eds). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, v.1. pp. 17-35

HEINE, Bernd; TRAUGOTT. **Grammaticalization**. 2nd. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE (IFRN). *Proposta de trabalho das disciplinas nos cursos técnicos de nível médio integrado regular e na modalidade EJA*. Natal: IFRN, 2013. Disponível em: https://portal.ifrn.edu.br/documents/2440/PTDEM_COMPLETO.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

MARTELLOTA, Mário Eduardo. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura Cezário. **Gramaticalização no Português do Brasil: Uma abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S. A.: 1978.

MOURA, Dante Henrique. (org.). **Educação profissional: desafios teóricos-metodológicos e políticas públicas**. Natal: IFRN, 2022, 244p.

NEVES, Maria Helena Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândido Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça [Orgs]. **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas, SP: Unicamp, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press. 1987.

TAVARES, Maria Alice. Os conectores e, aí e então na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Alice.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e Ensino de Gramática**. EDUFRN: Natal-RN, 2007, p. 87 - 115.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova (trad.). São Paulo: Editora 34, 2019.

| Submetido em: 15/11/2024

| Aprovado em: 27/07/2025

| Publicado em: 30/09/2025